

Bernardo Carvalho. *O último gozo do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Literatura é isso, um texto com face oculta, fundo falso, passagens secretas, um texto com tesouro escondido que cada leitor encontra em lugar diferente e que para cada leitor é outro.

Marina Colasanti

Pela primeira vez depois de duas décadas juntos, despediram-se sem contato físico, como recomendava o protocolo no combate à peste. Ao sair e bater a porta, ela entendeu a redundância do confinamento, a perspectiva da solidão, inevitável, justificada pela ameaça invisível de um vírus mortal.

A personagem protagonista da narrativa é uma professora de Sociologia e escritora nas horas vagas, que se desequilibra logo no início da quarentena. Perdeu os pais para o vírus, e o casamento, que julgava bem sucedido, foi desfeito sob a alegação de que sua presença era uma ameaça à liberdade do homem com quem vivera vinte anos. Ainda que a pandemia tivesse destroçado a vida da jovem mulher, ela encontra, na gravidez, fruto de um encontro casual, uma tênue esperança no futuro.

O novo livro do escritor Bernardo Carvalho¹, *O Último Gozo do Mundo*, é um dos primeiros títulos brasileiros que aborda o tema da pandemia de modo ficcional. A

¹ Destacado romancista da literatura brasileira contemporânea, Bernardo Carvalho possui uma trajetória ligada às letras; primeiramente como jornalista, depois como escritor. Nascido no Rio de Janeiro, em 1960, e radicado em São Paulo, quando mais jovem, Bernardo pensou em ser cineasta. Editor do caderno de resenhas e ensaios “Folhetim”, do jornal *Folha de S. Paulo*, Carvalho também atuou como correspondente em Paris e Nova York. Publicou *Aberração* (contos) e os romances *Onze*, *Os Bêbados e os Sonâmbulos*, *Teatro*, *As Iniciais*, *Medo de Sade*, *Nove Noites*, *Mongólia*, *O Sol se Põe em São Paulo*, *O Filho da Mãe*, *Reprodução* e *Simpatia pelo demônio*, todos pela Companhia das Letras.

experiência de um tempo que ficou suspenso pela pandemia e que se transforma, na narrativa de Carvalho, no presente, talvez seja o principal motivo para se pensar que é uma fábula distópica, na medida em que o comportamento humano é descrito de forma simbólica, com uma visão pessimista do mundo, sem qualquer personagem animal ou lição de moral e tudo isso é fruto de uma violência generalizada. “Na quarentena, tudo parece transtornado, sem passagem de tempo, e é aí, nesse estado mórbido, que as pessoas pensam, sentem e lembram como se vivessem numa fábula.” (p. 48)

A protagonista resolve viajar com o filho, ainda bebê, de carro, pelo interior do Brasil para consultar um oráculo que desenvolveu o dom de ver o futuro após ter a memória destruída pelo vírus. Durante a viagem, a mãe conversa sobre vários assuntos com o bebê, que ainda não fala, narrando, sobretudo, o passado que tinha a ver com a insolvência das perdas afetivas. Ela começara a falar com o filho antes mesmo de o bebê balbuciar, no isolamento e no silêncio da quarentena, e nunca mais parou.

Ao chegar ao lugar pretendido, hospeda-se, com o filho, no melhor hotel da cidade, onde encontra, na piscina, um escritor. Em conversa com o homem, revela o motivo de estar na cidade: busca saber o futuro, saber o paradeiro do pai do menino.

Na casa de consultas, um pátio de jatobás, as pessoas que desejavam ser atendidas pelo sobrevivente esperavam ao redor de mesas redondas de cimento. Eram horas e horas de espera à sombra das árvores. O oráculo atendia no máximo quatro pessoas por dia, sempre com consulta previamente agendada. Nesse ambiente, a professora e escritora, com o filho, conhece seus companheiros de espera e os motivos de cada um para consultarem o futuro. Muitos deles estavam transtornados pela ruptura da racionalidade com a ciência.

As personagens não são nomeadas; cada uma é identificada por algum traço físico: o homem do bigode, o homem grisalho, o homem negro, os brancos, ou pela atividade profissional: como a própria protagonista, professora e escritora, o escritor, o enfermeiro, o jornalista e o sobrevivente.

A narrativa, em terceira pessoa, é fragmentada e os capítulos nem sempre são encadeados, causando certa quebra na leitura e desorientação no leitor. Há personagens que surgem repentinamente, o que dá a sensação de elementos soltos sem um ponto de

amarração. Essa forma de narrar, no entanto, mostra a imbricada relação entre a memória e a imaginação, que não são lineares, pois não podemos pensar o tempo dividido em categorias separadas. Ao contrário, deveríamos seguir o nosso inconsciente e pensar o tempo de modo fluido, composto por elementos que se entrelaçam, sobrepõem-se e se justapõem, elementos que dialogam. Nessa perspectiva, não existe a possibilidade de se imaginar sem abrir o baú e entrar no passado; a imaginação, necessariamente, implica um retorno às nossas próprias experiências e repertórios.

O Último Gozo do Mundo expõe o contexto da pandemia sob uma realidade destrozada e a busca incessante do encontro das pessoas consigo mesmas em um cenário insuportável de horror e de loucura. Justificam-se desse modo a fragmentação da narrativa e as diversas vozes.

Bernardo Carvalho apresenta um entrelaçamento entre memória e imaginação em vários níveis, com acento para a importância da memória. No momento em que o mundo a nossa volta desmorona, restam as lembranças e, assim, narrar assume grande importância.

A protagonista teme que a memória falhe quando ela e o filho precisem das lembranças, por isso divide, com o pequeno, fatos que ele não tem capacidade para entender. Sua memória seria do filho também; quando ela já não pudesse mais lembrar, ele o faria por ela. Das conversas, segundo a mãe, alguma chave ficaria guardada no inconsciente do menino e serviria para abrir a caixa de lembranças quando ele precisasse. De algum modo, ela sabe que a memória é o lugar da nossa imortalidade, uma vez que vive na nossa descendência e na história vivida. É o lugar da preservação do conhecimento, ponte entre o presente e o passado que rumam para o futuro.

Com essa ideia, durante a viagem de carro, a mãe conversa sobre o passado com o bebê e, ao longo do percurso, conhece outras personagens, expondo a tensão entre a memória e a imaginação, ou seja, o nó entre o passado e o futuro que preocupa e tensiona uma população paralisada que vive seus dramas pessoais e coletivos.

O pai da professora esquecera os nomes, depois as senhas e por último as pessoas. Ela ficara obcecada pela cronologia, buscava saber o que esqueceria primeiro e assim contava tudo ao filho. O nome que dera ao bebê, mas que não aparece na narrativa, estava relacionado com a memória do dia em que ele fora concebido no estacionamento

da universidade, uma relação casual com um aluno de outro curso da mesma universidade em que ela trabalhava.

De um modo ou de outro, a memória se faz presente em todas as personagens, posto que o passado é o passaporte para o caótico presente e o incerto futuro - uma sombra ameaçadora.

A memória individual tem um ponto de contato com a coletiva, do mesmo modo que não há memória coletiva sem o diálogo com a subjetiva. Assim, a memória desenrola-se como um caleidoscópio, e o texto literário participa com sua capacidade de retenção e antecipação, já que contribui para o movimento permanente de reconstrução e organização das reminiscências.

A protagonista recorre ao mito grego de *Mnemosyne*² para lembrar quem somos, de onde viemos. Com sua arte de contar histórias, a deusa clareia nossos desejos e mostra que o futuro não existe por si. Assim, fica muito nítido para ela, a professora, que o presente unido ao passado é que habilita a construção do futuro. A memória instiga uma infinidade de frágeis traços, em um movimento interminável de elaboração e apagamento - o que é construído torna-se real porque é lembrado, podendo ser desconstruído.

Numa tentativa de preservar a história com um relato coerente do passado, ela, a professora, vale-se dos registros oral (conversas com o filho) e escrito (cartas que escrevia e assinava com o nome do pai do menino e publicava em um jornal). Ela sabe que o papel da memória é muito maior do que reviver o passado, é fazer com que nos tornemos dignos de nós mesmos ao olhar para trás e avaliar o que pode ser mantido ou descartado.

Quando não lembra, recorre à imaginação, que anda junto com a memória. É sabido que, ao fantasiarmos, a situação imaginada não é real, entretanto, as emoções decorrentes da vivência imaginativa, como alegria, tristeza, medo, por exemplo, tornam-se reais. A imaginação está presente em todos os âmbitos da vida e, por ser de natureza antecipatória, favorece o avanço além daquilo que é aprendido diretamente. Imaginar é

² O mito grego de Mnemosyne, a deusa da memória, filha de Urano, o céu e Gaia, a terra, aponta para a potência da memória. Zeus precisa de Mnemosyne pelo poder da deusa, pois as glórias e vitórias do deus de nada valeriam se não se tornassem memoráveis.

criar, abrir o tempo que ainda não existe, o que poderia vir a ser. Há uma relação com o passado, a memória, mas também com o futuro, com o fantasiado. A imaginação engendra novas possibilidades de ser e de viver.

Desse modo, experiências imaginativas podem ser sentidas profundamente, mesmo pelo leitor, pois quando fazemos um pacto com a leitura, ao aceitarmos as regras do jogo da ficção, os fatos da narrativa, por sua qualidade de verossimilhança, tornam-se verdadeiros quando há identificação entre o leitor e o texto.

As “Cartas ao filho”, publicadas, semanalmente, numa coluna de um jornal, , respondem, por antecipação, as perguntas que ele faria quando ela não estivesse mais ao seu lado. Ela falara sobre o tempo antes de o menino falar, quando o mundo, para ele, ainda não tinha a forma de uma narrativa.

Com uma narração oral e escrita, dentro da narrativa, a mãe do menino deixa para ele o registro das suas memórias, a soma das transformações, apropriações e reconstruções de suas vivências. Foi ela quem lhe contou a viagem antes da primeira palavra, foi ela que revelou ao filho a cena com o sobrevivente. Se isso tudo parece, ao menino, muito estranho, é porque quem não lembra, imagina.

O Último Gozo do Mundo corresponde, assim, o pensamento de Marina Colasanti. Literatura é isso... um texto a ser desvendado, um desassossego, um caminho a ser explorado. Age como um mediador entre o leitor e ele mesmo, entre aquilo que nos é consciência, razão, emoção.

Maria Alice Braga

Ex-docente da ULBRA